

UMA BREVE ANÁLISE DA LEI DO ALTAR EM ÊXODO 20:25

Madison Melo Marques¹

Jônatas de Mattos Leal²

RESUMO

O artigo trata da lei do altar em Êxodo 20:25 “Se me levantares um altar de pedras, não o farás de pedras lavradas; pois, se sobre ele manejares a tua ferramenta, profaná-lo-ás.” Seu objetivo é estudar como o ato de utilizar uma ferramenta sobre as pedras do altar o profanaria e busca entender também como a realização ou não desta ação pode estabelecer limites entre a verdadeira e a falsa adoração. A pesquisa abrangeu a tradução do texto a partir da Bíblia Hebraica Stuttgartensia e sua comparação com versões modernas, ainda levou em consideração o contexto histórico, cultural e literário, assim como, o contexto bíblico, sua teologia e o conceito de altar no Pentateuco e de profanação nos altares do Antigo Testamento. Compreendeu-se que existe uma importante lição por trás desta lei aparentemente simples, Javé tem grandiosos planos para Seus filhos e deseja protegê-los de suas inclinações naturais e das forças externas que buscam separá-los dEle.

Palavras-Chave: Exegese. Altar. Lei. Antigo Testamento. Profanação.

¹ Concluinte do curso de teologia no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT-IAENE);

² Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP - Universidade Católica do Pernambuco; Bacharel em Teologia pelo SALT/IAENE. Professor de Interpretação do Antigo Testamento no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia. *E-mail:* jonatas.leal@adventista.edu.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo investiga a “Lei do Altar”, mais especificamente, a declaração imperativa de Êxodo 20:25 “Se me levantares um altar de pedras, não o farás de pedras lavradas; pois, se sobre ele manejares a tua ferramenta, profaná-lo-ás.”

É comum ao leitor da Bíblia que se depara com esta ordem divina indagar as razões de sua existência, e muitos tem a curiosidade de entender porque o ato de utilizar uma ferramenta para lavrar as pedras do altar o profanaria, ainda mais que poucos capítulos depois, Deus dá a ordem para a construção de um altar de holocaustos altamente elaborado, feito de madeira de acácia, coberto de bronze e que deveria possuir ainda quatro chifres (Êx 27:1-8; 34:13-16).

Há alguma lição moral e espiritual que podemos extrair desta passagem? Este questionamento torna relevante o estudo de Êxodo 20:25, pois o altar é um meio de aproximação a Deus e está relacionado diretamente com a Sua adoração, assim, precisamos compreender melhor qual a atitude que Deus requer do adorador ao buscar estar em comunhão com Ele; e entender também, como nossos atos, neste caso específico, trabalhar as pedras ou não do altar, podem estabelecer limites entre a verdadeira e a falsa adoração.

A pesquisa abrangeu a tradução do texto a partir da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) e sua comparação com diversas versões modernas conhecidas e respeitadas. Foram levados em consideração também o contexto histórico, cultural e literário pertinente, assim como, o contexto bíblico e sua teologia, e ainda o conceito de altar no Pentateuco e de profanação nos altares do Antigo Testamento.

Durante a análise dos vocábulos que compõem o verso em questão, percebemos que o entendimento deste só é possível através da compreensão das relações semânticas e gramaticais entre os termos chave מִזְבֵּחַ (altar), גִּזְיִת (pedra lavrada) e וְתִקְלָהּ (e profanar), pois a ação do último sobre o segundo profanaria o terceiro. O altar, o santuário e até seus sacerdotes estavam intimamente ligados e todos estes eram consagrados a Javé, se qualquer dos três elementos era contaminado, todo o conjunto seria profanado (Êx 29; Nm 7:1).

Existe uma grandiosa lição por trás desta aparentemente simples e desprezenciosa lei, Javé conhece Seus filhos e tem grandiosos planos para eles, Seu maior desejo é protegê-los de suas inclinações naturais e das forças externas que buscam separá-los dEle e de Seu propósito para Suas vidas.

EXPLORANDO O TEXTO

O trecho em estudo está situado na porção do livro de Êxodo denominada

“Código da Aliança”, que se estende do 20:22-23:33. Em 20:22-26 e 22:18-23, encontramos declarações legais apodídicas; já em 21:2-22, leis casuísticas. Os juízos de Deus aparecem organizados de forma racional; enquanto as declarações apodídicas, apesar de abrangentes, são altamente irregulares. No verso três do capítulo 24, ocorre a distinção entre dois termos “palavras” e “estatutos”, ao que tudo indica, com isso, o autor busca fazer uma separação geral entre os Dez Mandamentos e o Código da Aliança. No antigo Oriente Médio, os códigos legais, pelo menos na Mesopotâmia, eram uma expressão da vontade divina, a exemplo do conhecido código de Hamurábi que retrata o deus sol Shamash presenteando o rei com suas leis; no entanto, de um modo geral, havia uma grande discrepância entre os códigos e o registro da prática diária, o que em Israel deveria ser diferente, assim através da promulgação do Código da Aliança, Deus procurou criar a base para instituir Israel como uma nação (FITZMYER et al, 2007).

De forma semelhante Merrill (2009), também classifica o texto de Êx 20:22-26 como parte integrante da lei do altar e o relaciona intimamente aos dois primeiros mandamentos, aonde Javé ordena seu povo a não ter outros deuses diante dEle e a não fazerem imagens de escultura, nem tampouco prestar-lhes culto. Ele acrescenta que Javé intencionalmente retoma esta questão para corroborar a verdade singular da Sua existência como único Senhor e Criador de todas as coisas e ainda reafirmar Sua proibição da idolatria, estes princípios formam a base de Sua aliança com Seu povo. Dessa forma, a conexão entre estas verdades fundamentais e a Lei do Altar é edificante e elucidativa, pois apresenta os meios de aproximação aprovados por esse Deus solitário e invisível, oposto aos deuses pagãos; se o Seu povo o buscar, Ele virá ao encontro deles e os abençoará independentemente da riqueza do altar.

O autor ainda cita que no livro de Êxodo o povo era nômade, sendo impossível, assim, ter um santuário central permanente, “Em todo lugar em que eu fizer recordar o meu nome, virei a ti e te abençoarei.” (Êx 20:24); já no livro de Deuteronômio vemos o conceito da necessidade de encontrar a Deus em locais determinados, direcionando todos os adoradores para o santuário central, “Mas vocês atravessarão o Jordão e se estabelecerão na terra que o SENHOR, o seu Deus, lhes dá como herança [...] Então, para o lugar que o Senhor, o seu Deus, escolher como habitação do seu Nome, vocês levarão tudo o que eu lhes ordenar” (Dt 12:8-11). Em uma política explicitamente contra os cananeus, o Senhor especificou que os altares contruídos por Seu povo não deviam ser feitos de pedra lavrada, como o costume destes, mas sim de terra ou pedra bruta, transmitindo assim que é Deus único e deve ser adorado de forma que O honre e de forma que a adoração esteja dissociada do culto aos ídolos pagãos, dos quais seus adoradores se aproximavam como bem entendiam.

Para Stuart (2006), a adoração é a primeira e mais básica resposta de qualquer crente ao seu Salvador e Senhor, assim em Êx 20:22-26, altares eram necessários para os sacrifícios, que eram, por sua vez, necessários para o culto. Neste ponto no início da

aliança, Deus deu aos israelitas um breve resumo da construção de um altar em antecipação a sua necessidade de adorá-lo corretamente. Agora que ele estava se tornando seu Deus da aliança, era importante que eles fossem capazes de responder plenamente a ele em adoração, não apenas repetindo as práticas do passado ou simplesmente tomando emprestado de pagãos os conceitos e procedimentos de adoração e sacrifício. Dessa maneira, Javé desenvolve o entendimento mais profundo sobre muitos daqueles dez mandamentos.

E como conclui Enns (2000), essas leis e o livro do Êxodo como um todo, são destinados a preparar Israel para entrar na terra e viver lá, de acordo com o propósito de Deus, sendo que deste ponto em diante, o sistema sacrificial irá desempenhar um papel importante na vida deles. Assim, a compreensão desta aparentemente simples ordem do Senhor, amplia significativamente nosso entendimento sobre a vontade de Deus para Seu povo na antiguidade e para nós hoje.

Agora que já discutimos o contexto bíblico-literário e suas possíveis implicações teológicas, vamos explorar as relações lexicais e semânticas, e também as questões gramaticais das palavras de importância para o entendimento do texto. Segue abaixo o texto hebraico:

וְאִם-מִזְבֵּחַ אֲבָנִים תַּעֲשֶׂה-לִּי לֹא-תִבְנֶה אֶתְהוּ
גִזִּית כִּי סָרְבַּח הַגִּפְתִּי עָלַיָּה וְהִחַלְלָהָ.³

E se um altar de pedras fizeres para Mim, não o edificarás com pedra lavrada, se teu cinzel brandistes sobre suas pedras, o profana.⁴

Durante a análise dos vocábulos que compõem o texto, percebemos que três palavras tem um potencial especial para nos ajudar em sua compreensão:

A primeira destas é o substantivo מִזְבֵּחַ que é geralmente traduzido como “um altar”. No hebraico do Antigo Testamento (AT) “*mizb^eah*” representa um lugar de matança ou sacrifício; este termo foi comprovadamente utilizado no semítico do norte e sul, ugarítico, fenício, líbio e aramaico. Na Bíblia essa palavra aparece aproximadamente 400 vezes, sendo principalmente utilizada no Pentateuco e nos livros históricos. Como exemplo, citamos as seguintes passagens: altares de pedra em Lv 8:28; de terra em Êx 20:24; de madeira e bronze em Êx 38:1, 2; e de madeira e ouro em Êx 30:1-6. Os altares podiam ser utilizados para fins legítimos (adoração ao Deus único - YHWH) ou para fins ilegítimos e, apesar de Israel ser “o povo de Deus”, há muitas referências no AT sobre altares ilegítimos, sendo que estes frequentemente estavam associados a postes-ídolos (Êx 34:13) e aos altos (2Rs 23:15).

Noé como ação de graças pelo livramento do dilúvio construiu um altar e sacrificou

³ Texto retirado da BHS, confere com o Pentateuco samaritano, a Septuaginta e a Peshita, segundo o aparato crítico.

⁴ Tradução própria.

animais e aves limpos ao Senhor; Abrão construiu um altar em Siquém ao chegar à terra da promessa em adoração ao Senhor que lhe aparecera; outros altares foram construídos pelos patriarcas Isaque e Jacó, em Berseba e Betel, para comemorar a benção de Deus (Gn 26:25; 35:7). Outro evento de destaque é o episódio onde Isaque foi colocado sobre um altar no monte Moria pelo seu pai Abraão, mas providencialmente, teve seu lugar ocupado por um cordeiro, sendo este o mais claro exemplo do significado do sacrifício substitutivo no AT.

A segunda palavra destacada também é um substantivo אֲשֵׁלַח traduzido normalmente como pedra trabalhada, pedra lavrada, pedra cinzelada, pedra de cantaria, e ao que tudo indica no texto em estudo, aparece como substantivo adjetivado “pedra trabalhada/lavrada”, ou seja, uma pedra que sofreu a ação de algum instrumento com o fim de lhe dar algum acabamento; citamos como exemplo 1Rs 6:36 onde o termo é traduzido como cortar, talhar, pedras talhadas e silhar. Segundo Fitzmyer (2007), este se aplicava à perfeita alvenaria “*Ashlar*” utilizada pelos fenícios e que teve grande uso pela primeira vez em Israel no período de Salomão.

Tais pedras foram usadas no palácio de Salomão, nas fundações do templo e em outros lugares em sua construção (1Rs 6:36; 7:9, 11; 1Cr 22:2), bem como, em todos os edifícios da época do AT (Am 5:11; Is 9:10). Eram consideradas uma matéria prima da mais alta qualidade e de uma aparência muito agradável, por isso, foram muito utilizadas (Is 9:10; Am 5:11). Apesar de sua aparente utilidade e beleza, esse tipo de pedra era proibida no altar original prescrito em Êx 20:25, pois manejar uma ferramenta para dar forma às pedras do altar ou usar esse tipo de pedra profanava, contaminava o altar (Js 8:31).

A terceira e última palavra que abordaremos aqui, na verdade é uma expressão, וַתְּחַלֵּל cuja origem deriva da raiz verbal חלל, traduzida, neste caso, como “e profanar”; no AT esta raiz verbal é usada 134 vezes, sendo que em 75 dos casos carrega o significado de “profanar”. Em Êx 20:25 esta expressão está relacionada a profanar um altar com ferramenta de ferro; em Êx 31:14 a profanar o sábado; em Lv 18:21 a profanar o nome de Deus; o próprio Deus em Ez 13:19; profanar uma cama em Gn 49:4; a terra em Jr 16:18 e a aliança em Sl 89:35.⁵ O Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português (KIRST et al, 2012), apresenta para a esta raiz verbal, dependendo do tempo e modo, diversas variações, dentre estas, destacamos por estarem mais próximas ao contexto, as seguintes: ser profanado, fazer uso profano, deixar profanar, tornar inválido, estar perfurado, deixar perfurar, traspassar, machucado, abatido, deflorado.

Desse modo, fica claro pelo comentado acima, que o referente da expressão verbal (וַתְּחַלֵּל) é o substantivo altar (מִזְבֵּחַ), assim, o ato de cinzelar ou manejar uma ferramenta

5 A análise gramatical e de vocabulário das três palavras foi feita através do Bible Works software for Windows; da Enciclopédia Elwell, p. 51; Novo Comentário Bíblico São Jerônimo (FITZMYER, 2007, p. 158); Dicionários teológicos: (HOLLADAY, 2010); (HARRIS et al, 1999); e (VANGEMEREN, 2011).

sobre (עֲלֶיהָ) as pedras (בְּנֵי) do altar é que o profanaria (וַתְּקַלֵּל). O ato de lavar ou cinzelar as pedras do altar ofenderia, insultaria o nome de Javé. Desse modo, Deus é quem deve determinar os meios do homem se aproximar dEle, pois é Santo e incontaminado; ao passo que nós, com nossas “melhores intenções”, poluímos os meios de nos achegarmos a Ele.

O ALTAR NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

A pesquisa da literatura sobre a evidência arqueológica para altares é bastante extensa, no entanto, desse ponto de vista, há pouco consenso sobre o tipo de instalação à qual é aplicado o termo “altar”. Como observa Haak (1992), ele é usado para tudo, desde grandes plataformas até instalações menores em pátios de templos com evidência de queima de sacrifícios, além disso, é aplicado para vários tipos de superfícies planas com cúpulas que foram encontradas em uma ampla variedade de contextos.

Na Mesopotâmia os templos ocupavam geralmente uma posição de destaque no assentamento, normalmente em um local mais alto que o entorno. Evidências arqueológicas para a prática de religião podem ser encontradas já no período neolítico do Oriente Médio; no entanto, foi em Eridu que pela primeira vez ficou comprovado arqueologicamente um local para a prática de veneração comunal, é uma simples cabana que pode ser identificada para tal função por possuir uma série de atributos como decoração com nichos e uma massa de ossos de peixes oriundos das oferendas. Também em Eridu, no período Ubaid tardio (datado de 4800 a.C.), e no Período Uruk (3200 a.C.), uma plataforma alta foi construída e repetidamente aumentada pela adição de tijolos, que fez com que esta construção se tornasse cada vez mais alta. Ao longo do terceiro milênio, os arquitetos converteram esta forma orgânica de crescimento no conhecido zigurate (TAKLA, 2008).

Descrevendo o antigo Egito, Jacq (2001), cita que a religião mística ou mágica fazia parte das atividades estatais, estando presente a cada momento nos trâmites e ritos oficiais do governo, para ele um dos melhores exemplos é o de um altar em Heliópolis, composto por uma mesa de oferendas formada da junção de quatro mesas que representavam as quatro direções do espaço (os quatro Orientes), e sobre as quais se colocavam pães. Por outras palavras, o Cosmo é organizado a partir de uma unidade central que torna concreta a oferenda aos deuses. Assim, depreendemos que essa unidade central é tipificada pelas quatro mesas, onde cada uma representa um ponto cardinal, de modo que aquele altar formado por mesas representaria o centro cósmico, um local de ligação entre o homem e os deuses.

Ele também cita que os antigos deuses egípcios eram ameaçados por taumaturgos (mágicos milagreiros) através de palavras terríveis e que destes talvez, o povo hebreu tenha aprendido a murmurar contra seu Deus YHWH. Estas ameaças

terríveis e ofensivas tinham o propósito de constranger uma deidade a realizar algum favor ou benesse, inclusive, caso isso não bastasse, deixavam de ser postas oferendas nas mesas altares para esta deidade.

Na Siro-Palestina, escavações descobriram vários altares que lançam luz sobre as práticas dos israelitas e os seus vizinhos. Vários altares cananeus (Idade do Bronze) foram encontrados, incluindo altares de mesa ou de depósito em Megido (3.000 a.C.), estes provavelmente foram destinados para o incenso ou imagens. Um altar circular de pedras e preenchido por entulho foi descoberto em um pátio aberto em Megido (2000-1700 a.C.), este possuía quatro lances e provavelmente foi utilizado para fins cerimoniais. Estruturas similares foram descobertas em Laquis e Bete-Seã. Um altar formado a partir de um único bloco de calcário foi encontrado em Hazer (séculos XIV a XIII), sendo que o topo deste foi talhado para serem realizados holocaustos ou sacrifícios sólidos e uma bacia retangular foi esculpida para colocar sangue ou ofertas de líquidos (MYERS, 1987).

Reforçando o que foi comentado no início desta seção, Vaux (2004), notou que durante as pesquisas arqueológicas na Palestina foram achadas muitas vezes, expostas ou através de escavações, superfícies rochosas esculpidas em forma de cúpula que demonstram a existência de uma longa tradição de construção de altares antes da ocupação israelita. No entanto, seria um exagero dar uma interpretação cultural a todas essas instalações, pelo fato de que a maior parte dessas cúpulas podem ter servido unicamente para uso profano, como as que ficavam perto de um poço, de uma cisterna ou de uma fonte que eram usadas, provavelmente, para dar de beber aos animais e, as maiores que podem ter servido apenas para lavar roupa. As que estavam ao lado de um lagar estão evidentemente relacionadas com a fabricação de vinho ou de azeite. As cúpulas achadas perto de túmulos se explicam pelos ritos funerários, mas não necessariamente por sacrifícios, pois para o povo os mortos tinham fome e sede; porém, há casos onde outros elementos provam o emprego sacrificial dessas cúpulas, temos como exemplos as que foram cavadas sobre o altar rochoso de Sar'a.

Para o período israelita e como evidência bíblica, o autor cita pelo menos duas passagens: Jz 6:19-23 e 13:19-20, estas indicam que o uso de rochas naturais ou penhas como altares também era corrente entre os israelitas nessa época. Já para altares talhados na rocha, dá como exemplo os de Petra e de seus arredores, que foram talhados da massa rochosa circundante e providos de degraus pela mesma técnica; acredita-se que essas instalações são anteriores aos nabateus da época helenística, quando Petra era um dos principais centros locais. Por fim, descreve a "bamah" que era um montículo ou uma elevação sobre a qual se sacrificava sem que um altar distinto fosse necessariamente erigido; nesse caso mais especificamente, devemos nos lembrar do que se disse a propósito dos "lugares altos".

Assim, Israel chegou a uma terra onde templos, santuários e altares eram comuns. Em Megido, templos cananeus e altares têm sido escavados datando de muitos séculos

antes de os israelitas aparecerem. Estes altares eram geralmente retangulares, uma exceção foi um grande altar em forma oval construído de pequenas pedras de campo, neste se subia por degraus (Ex 20:25, 26). Bethshan, Laquis, e Hazor também preservaram bons exemplos de santuários cananeus e altares. Em Laquis havia uma área onde três templos sucederam-se ao longo dos anos 1480-1260 a.C. Entre estes, o mais recente (1325-1260 a.C.) tinha um altar construído de tijolos de barro e com degraus laterais; em seus escombros foram encontrados em grandes covas de lixo, ossos de cordeiros, cabras, bois, e gazelas, principalmente os ombros direitos (Lv 07:32). Também foram encontrados em vários locais (incluindo Megiddo, Bethshan e Laquis) muitos altares de calcário, escavados em forma de quadrados pequenos que possuíam quatro chifres em seus cantos superiores, estes eram utilizados para incenso. A evidência arqueológica aponta para um sistema de culto cananeu altamente desenvolvido que tinha sua existência muitos séculos antes que os israelitas chegassem, tal fato criou dificuldades para os israelitas por causa de uma série de semelhanças entre os dois sistemas cúlticos (ELWELL, 1988).

O povo hebreu viveu circundado por um ambiente politeísta, cuja religião assumia papel de destaque e se confundia com a política e práticas sociais. As divindades, tanto dos egípcios, como dos povos cananeus e mesopotâmios, geralmente eram cultuadas em altares elevados, elaborados e ricamente ornamentados, onde sacrifícios eram feitos para agradar seus deuses. Diante de tamanha capilaridade religiosa, havia uma forte pressão cultural e cúltica exercida sobre o povo hebreu e sobre a fé que receberam de seus pais. Talvez, por isso, Javé tenha dado instruções específicas para construção de um altar. Ele conhecia profundamente Seu povo, assim, suspeitamos que os israelitas em seu âmago, talvez não fossem tão diferentes de seus vizinhos.

LEIS SOBRE ALTARES NO PENTATEUCO

O Senhor procurava santificar um povo para Si, através do convite divino aceito pela fé por Abraão, inicia-se o cuidado de Javé para desenvolver seu protótipo de nação, com identidade, costumes sócio-culturais e religiosos diferenciados das demais nações circunvizinhas. Como Criador sabia da necessidade de adoração inerente ao ser humano e como esta perpassa todos os campos de sua vida, Seu anelo mais sincero era ter uma comunhão íntima com Seu povo, então, estabelece um modo específico de se aproximarem dEle em adoração.

Do mesmo modo que o povo deveria ser santo “separado para Deus”, também seus altares deviam ser diferenciados dos altares do antigo oriente próximo (RODRIGUEZ, 2012). Ele afirma também que se queremos compreender a função dos altares patriarcais no âmbito da adoração legítima a Javé, devemos focar naqueles que tem um motivo expiatório e ou substitutivo; pois eram dedicados ao único Deus

verdadeiro, supunham a superioridade de Javé sobre os deuses de Canaã e promoviam o nome do Deus Todo Poderoso, porque parte da adoração era falar, em alta voz, o nome de Deus, cumprindo assim um propósito de proclamação.

Altars primitivos

A primeira referência a um altar nas Escrituras diz respeito a aquele que foi levantado por Noé em Gn 8:20; Abraão também construiu altares em Siquém, Betel-Ai e em Hebrom (Gn 12:7-8; 13:18); já em Êx 17:14-16, Moisés construiu um altar memorial quando Israel afirmou a aliança com Deus.⁶

Analisando os registros arqueológicos acerca de altares primitivos, Rodriguez (2012), descreve que estes eram construídos de três diferentes materiais: pedra, terra e metal. A escolha do que seria utilizado era influenciada em grande parte pelos fatores ambientais.

Com base na realidade local e nos materiais disponíveis, Deus expressa a Sua vontade dando a seguinte ordem em Êx 20:24: “um altar de terra me farás, e sobre ele sacrificarás os teus holocaustos, e as tuas ofertas pacíficas, as tuas ovelhas e os teus bois. Em todo lugar em que eu fizer recordar o meu nome, virei a ti e te abençoarei.” Dessa forma, Javé registra e legitima a forma de construção de altares de terra para Sua adoração. Assim, para Janzen (2000), um altar de terra, sem imagens de prata ou ouro era suficiente para agradar a Deus, posto que esta ordem partisse dEle mesmo.

No entanto, de acordo com Matthews et al (2000), quando o verso acima fala de altares de terra, possivelmente esteja se referindo a altares construídos em tijolos de barro ou que tinham paredes exteriores de pedra, mas foram enchidos com terra. Essa hipótese é apoiada pelo fato de que nenhum altar exclusivamente de terra tenha sido encontrado por arqueólogos.

Nesse período, Javé também dá como alternativa a construção de altares de pedra, e assim como ocorreu anteriormente, Ele novamente determina a forma de construção do altar: “Se me levantares um altar de pedras, não o farás de pedras lavradas; pois, se sobre ele manjares a tua ferramenta, profaná-lo-ás.” (Êx 20:25). Javé através desta ordem deixa explícito que as pedras usadas para construção do altar não poderiam ser trabalhadas. Novamente em Dt 27:5, 6, e por fim, na ocasião da renovação da aliança em Js 8:31, Deus reafirma este preceito.

Concordando com as afirmações acima, Lange et al (2008), comentam que aparentemente Javé não proibiu, mas sim, restringiu os desejos dos adoradores por formas mais imponentes de culto, o altar de pedra não devia ser nenhuma estrutura esplêndida, mas simples, pois qualquer ferramenta de ferro afiado que fosse utilizada

⁶ Adaptado da Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã (ELWELL, 2009).

sobre a pedra, profanaria o altar.

O uso de pedras brutas, segundo Janzen (2000), continua o tema da simplicidade que começou com o altar de terra. Ele ainda acrescenta que a referência à profanação através da utilização de um cinzel sugere, no entanto, que a simplicidade não é a única motivação para a lei, pois também, havia a necessidade de que este altar simples contrastasse com os altares cananeus construídos em pedra acabada.

Mais uma vez os dados arqueológicos referidos por Matthews et al (2000); abrem uma brecha na lei, pois apesar de descrever que arqueólogos em Arad descobriram um altar israelita construído em pedra bruta, também cita que altares encontrados em locais como Dan e Berseba apresentam alvenaria (um tipo de pedra trabalhada pronta para construção) em sua estrutura. Acreditamos que talvez este fato se deva a realidade ambiental e cultural dos locais, ou simplesmente por se tratarem de altares ilegítimos que foram utilizados em cultos idólatras.

Conectado com a restrição em relação ao esplendor do altar de pedra, segue-se a ordem: “Nem subirás por degrau ao meu altar, para que a tua nudez não seja ali exposta” (Êx 20:26). Ao que tudo indica, conforme Lange (2008), quanto mais degraus, mais imponente seria o altar. Outra razão para Javé instituir esta lei é explícita no texto “para que a tua nudez não seja ali exposta”, o altar é o símbolo da presença de Deus, ali o adorador se encontra com O Todo Poderoso.

Sobre o altar, o sacrifício cobre simbolicamente o pecado do homem diante de Deus, de modo que a nudez do ofertante deverá continuar a ser coberta, como um lembrete de sua pecaminosidade diante de Deus e diante do seu altar (Gn 3:6-10). Além disso, a exposição da nudez do sacerdote poderia perturbar a reverência do ofertante. Tal fato também pode ser observado quando Javé, depois da construção do altar do serviço ritual no tabernáculo (tinha aproximadamente 1,5m de altura e por isso, provavelmente possuísse degraus), ordena que os sacerdotes usassem roupas de baixo (Êx 28:42; Lv 9:22).

Em seu comentário bíblico, Matthews et al (2000), ao se referir aos achados arqueológicos que demonstram o contexto histórico cultural e religioso do antigo Oriente Próximo, afirma que desde muito cedo altares cananeus com degraus eram conhecidos desde Megido, ainda acrescenta que rituais de nudez eram difundidos nessa região, tal contexto, provavelmente, tenha estimulado Javé a preservar a modéstia legislando túnicas longas e prescrevendo roupas de baixo para os sacerdotes.

Altares no santuário (tabernáculo)

Como vimos anteriormente, os israelitas já tinham experimentado construir e adorar em um altar, esse uso de altares já havia se mostrado muito cedo, na verdade, foi assumido desde o início na tradição patriarcal (Gn 8:20; 12:7; 13:4 e 18; 22:9; 26:25; 33:20;

35:1-7). Agora, assim como no culto domiciliar patriarcal, o altar seria também um elemento essencial no culto do santuário e, por isso, Israel receberia instruções para um altar muito mais elaborado, este deveria se tornar uma parte permanente e portátil dos apetrechos do tabernáculo.⁷

Farás também o altar de madeira de acácia; de cinco côvados será o comprimento, de cinco côvados a largura (será quadrado o altar), e de três côvados a altura. E farás as suas pontas nos seus quatro cantos; as suas pontas formarão uma só peça com o altar; e o cobrirás de bronze. Far-lhe-ás também os cinzeiros, para recolher a sua cinza, e as pás, e as bacias, e os garfos e os braseiros; todos os seus utensílios farás de bronze. Far-lhe-ás também um crivo de bronze em forma de rede, e farás para esta rede quatro argolas de bronze nos seus quatro cantos, e a porás em baixo da borda em volta do altar, de maneira que a rede chegue até o meio do altar. Farás também varais para o altar, varais de madeira de acácia, e os cobrirás de bronze. Os varais serão metidos nas argolas, e estarão de um e de outro lado do altar, quando for levado. Oco, de tábuas, o farás; como se te mostrou no monte, assim o farão. (Êxodo 27:1-8).

Além do altar de sacrifícios, havia também o altar de incenso, este ficava no interior do tabernáculo.

Farás um altar para queimar o incenso; de madeira de acácia o farás. O seu comprimento será de um côvado, e a sua largura de um côvado; será quadrado; e de dois côvados será a sua altura; as suas pontas formarão uma só peça com ele. De ouro puro o cobrirás, tanto a face superior como as suas paredes ao redor, e as suas pontas; e lhe farás uma moldura de ouro ao redor. Também lhe farás duas argolas de ouro debaixo da sua moldura; nos dois cantos de ambos os lados as farás; e elas servirão de lugares para os varais com que o altar será levado. Farás também os varais de madeira de acácia e os cobrirás de ouro. E porás o altar diante do véu que está junto à arca do testemunho, diante do propiciatório, que se acha sobre o testemunho, onde eu virei a ti. E Arão queimará sobre ele o incenso das especiarias; cada manhã, quando puser em ordem as lâmpadas, o queimará. Também quando acender as lâmpadas à tardinha, o queimará; este será incenso perpétuo perante o Senhor pelas vossas gerações. Não oferecereis sobre ele incenso estranho, nem holocausto, nem oferta de cereais; nem tampouco derramareis sobre ele ofertas de libação. (Êx 30:1-9).

Pelo relato das passagens bíblicas acima, percebemos que estes altares eram altamente elaborados e ricamente ornamentados, diversos materiais foram utilizados na construção, desde madeira de acácia até o puro ouro, o que deixa evidente o grande contraste entre estes e os primitivos altares patriarcais domésticos que eram feitos de terra ou de pedra bruta.

Apesar de sua grande elaboração, Stuart (2006), nos lembra de que havia a necessidade destes altares serem construídos de forma rápida e simples, assim como todo o tabernáculo, facilitando sua montagem e desmontagem, pois os israelitas ainda eram nômades, e apesar disso, precisavam começar a adorar Javé como o povo da aliança.

⁷ Adaptado de Vaux (2004) e de Stuart (2006).

De acordo com Hannah (1985), desse ponto em diante, Javé pretendia que a adoração fosse centralizada em um só lugar, então só deveria haver um altar oficial destinado a Sua adoração e este era o altar do tabernáculo.

Altars ilegítimos

Ao pesquisarmos as referências a altares no Pentateuco encontramos diversos destinados ao culto a Javé, no entanto, também observamos altares que eram utilizados para o culto a Javé e a outras divindades concomitantemente, e além destes, outros altares que eram utilizados para o culto exclusivamente idólatra, sendo, os dois últimos considerados ilegítimos.

Muito precocemente no relato bíblico podemos evidenciar a presença de altares ilegítimos. Talvez o exemplo mais chocante seja o episódio em que Arão, enquanto seu irmão Moisés recebia as Tábuas do Concerto no alto do monte Sinai, fez na base deste, um altar para adorar um bezerro feito de ouro “Arão, vendo isso, edificou um altar diante do bezerro e, apregoando, disse: Amanhã será festa ao Senhor.” (Êx 32:5). O Senhor provavelmente prevendo outras situações como esta deu a seguinte ordem:

Guarda-te de fazeres pacto com os habitantes da terra em que hás de entrar, para que isso não seja por laço no meio de ti. Mas os seus altares derrubareis, e as suas colunas quebrareis, e os seus aserins cortareis (porque não adorarás a nenhum outro deus; pois o Senhor, cujo nome é Zeloso, é Deus zeloso), para que não faças pacto com os habitantes da terra, a fim de que quando se prostituírem após os seus deuses, e sacrificarem aos seus deuses, tu não sejas convidado por eles, e não comas do seu sacrifício; (Êx 34:12-15).

Em Deuteronômio, Javé ratifica esta proibição mais uma vez “Mas assim lhes fareis: Derrubareis os seus altares, quebrareis as suas colunas, cortareis os seus aserins, e queimareis a fogo as suas imagens esculpidas.” (Dt 7:5; 12:3; Lv 26:30).

Segundo Henry (1994), havia a crença que quanto maior o altar fosse e o mais próximo do céu mais aceitável o sacrifício seria, isso era uma fantasia tola das nações que por este motivo escolhiam lugares altos.

Quem sabe por isso, apesar da proibição divina, em diversos outros momentos Israel se desviou após os ídolos e construiu altares ilegítimos nos “altos”, não dando ouvidos ao Seu Deus (1Rs 3:2, 3; 2Cr 11:15; Jr 3:2), negando assim, a merecida confiança a Javé “seu braço forte”, dessa forma, colhendo amargamente Seus juízos, sofrendo pragas e a opressão de outras nações.

Os altares e a centralização do culto

Ao estudarmos as leis sobre altares no Pentateuco há uma aparente contradição entre estas no primeiro momento e no segundo, pois os altares primitivos deviam ser

simples e toscos, construídos de matérias primas sem acabamento, tais como a terra e pedras brutas (Êx 20:22-26); ao passo que nos altares do tabernáculo, havia uma riqueza de detalhes, sendo estes altamente elaborados e construídos em madeira revestida de bronze ou ouro (Êx 27:1-8; 30:1-10). Por que isso acontece?

Para respondermos essa questão é importante entender que no Antigo Testamento havia dois tipos básicos de altares: O primeiro era simples e feito de terra ou pedras brutas, sendo usado por leigos em um ambiente doméstico; enquanto o segundo tinha uma forma prevista e era feito ou de madeira e bronze, ou de madeira e ouro. Os altares associados com o tabernáculo e com o serviço sacerdotal seguiam padrões específicos, eram construídos por pessoas habilidosas e embora fossem altamente ricos e elaborados, as leis cerimoniais e a consagração do sacerdote impediam seu uso ilegítimo, tal uso era mais difícil de controlar em um ambiente doméstico sem supervisão sacerdotal. Por isso, os altares patriarcais não deviam ser magníficos e atraentes, evitando assim, seu uso ilegítimo.⁸

Em resumo, de acordo com Janzen (2000), este conjunto introdutório das leis caracteriza como deve ser o culto apropriado de adoração a um único Deus: sem imagens, com a ajuda de um altar simples, em qualquer lugar onde Deus se revelará, e com reverência a santidade de Deus que é representado pelo altar. Com sua ênfase no culto apropriado, estas leis estabelecem a base adequada para a vida cotidiana do povo de Deus.

A partir dessa ideia, podemos entender que a legislação envolvendo os altares de Êx 20:22-26 ainda é dada no contexto da inexistência de um santuário. Como vimos também, tendo em vista que até a construção do tabernáculo não havia uma centralização de culto, tais altares poderiam facilmente se transformar em lugares de adoração idólatra ou mesmo sincrética. Com a construção do tabernáculo e a centralização subsequente do culto, esse perigo foi minimizado, embora não cancelado como a história de Israel revela. Sendo assim, a simplicidade dos altares primitivos com vista a impedir qualquer tipo de proliferação da idolatria no contexto doméstico patriarcal de algum modo foi substituída pela instauração de um sacerdócio profissional e a centralização do culto que visavam cumprir o mesmo objetivo.

PROFANAÇÃO NO CONTEXTO DOS ALTARES DO ANTIGO TESTAMENTO

O altar, o santuário e seus sacerdotes estavam intimamente ligados. Na ocasião da inauguração todos estes eram consagrados a Javé através de sacrifícios sangrentos e rituais de purificação e, diariamente, por meio dos sacrifícios contínuos, tanto o altar, como o tabernáculo e os sacerdotes eram santificados. Portanto, se qualquer dos três

⁸Adaptado da Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã (ELWELL, 2009).

elementos era contaminado, todo o conjunto seria profanado (Êx 29; Nm 7:1). Além disso, uma vez ao ano o sacerdote deveria fazer expiação sobre as pontas do altar “E uma vez no ano Arão fará expiação sobre as pontas do altar; com o sangue do sacrifício de expiação de pecado, fará expiação sobre ele uma vez no ano pelas vossas gerações; santíssimo é ao Senhor.” (Êx 30:10).

O tema principal dos regulamentos de culto girava em torno dos polos opostos de santidade e impureza. A santidade não é natural para os seres humanos e para a criação em geral; é posse exclusiva de Deus. É Ele que santifica objetos, lugares, tempo e, de maneira muito particular, santifica Seu povo (Lv 22:9, 16). Um contato impróprio entre o santo e o profano resulta em profanação; um contato entre o limpo e o imundo resulta em contaminação. Impureza e contaminação ameaçam praticamente tudo, até mesmo os puros que entram em contato com elas (Lv 11:39). (DEDEREN, 2011. p. 430 e 431).

Dessa forma, como dito acima, o conceito de profanação é diametralmente oposto ao de pureza ritual, portanto, qualquer quebra das leis cerimoniais profanava o altar, ainda que esta partisse dos sacerdotes ou de outros componentes do santuário, sendo que em muitos casos se o sacerdote fosse o culpado pagava com sua própria vida. Essa realidade fica evidente em Êx 30:20 “quando entrarem na tenda da revelação lavar-se-ão com água, para que não morram, ou quando se chegarem ao altar para ministrar, para fazer oferta queimada ao Senhor.” (Lv 21, 22); princípio semelhante se aplica para o altar de incenso “contudo, não entrará até o véu, nem se chegará ao altar, porquanto tem defeito; para que não profane os meus santuários; porque eu sou o Senhor que os santifico.” (Lv 21:23).

Ao que tudo indica, além das situações descritas anteriormente, atos de idolatria envolvendo sacrifícios humanos, ainda que feitos em locais exteriores ao santuário, quer fossem praticados pelos israelitas ou por estrangeiros profanavam o tabernáculo e conseqüentemente o altar “Eu porei o meu rosto contra esse homem, e o extirparei do meio do seu povo; porquanto deu de seus filhos a Moloque, assim contaminando o meu santuário e profanando o meu santo nome.” (Lv 20:3).

Ampliando e aprofundando o que expomos nesta seção, Vangemeren (2011), citando diversos autores, explica que no antigo Israel o mundo se polarizava entre “puro” e “impuro”, sendo essa tensão parte cotidiana de suas vidas, assim a interação do santo com o profano era ilícita e trazia conseqüências como morte e exílio, no entanto, a junção do profano com o impuro não levava obrigatoriamente as mesmas conseqüências. Ele também descreve que tanto a profanação ritual como a moral era vista como desacato a vontade revelada de Deus. Portanto, poderíamos sintetizar o conceito de profanar como tornar algo impuro ou sem santidade.

A lição por trás de todas estas leis e preceitos era ressaltar a vida pura e santa na presença de um Deus santo, e ainda demonstrar que uma vida profana prejudica a adoração a Deus e o sistema de valores da comunidade. Portanto, a correta compreensão

do conceito de “profano” neste contexto só é alcançada quando se comparam este conceito a diversos outros do AT

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que vimos na seção explorando o texto , o referente da expressão verbal **וַתְּחַלֵּל** “e profanar” é o substantivo **מִזְבֵּחַ** “um altar”, assim, o ato de cinzelar ou manejar uma ferramenta sobre seus componentes **אֲבָנֵי** “pedra trabalhada/lavrada” é que profanaria o altar. Deste modo, o ato de lavar ou cinzelar as pedras do altar ofenderia, insultaria o nome de Javé.

Tal fato despertou nossa curiosidade e ao pesquisarmos o contexto histórico-cultural, percebemos que o povo hebreu viveu circundado por um ambiente politeísta, cuja religião assumia papel de destaque e se confundia com a política e práticas sociais, onde as divindades eram geralmente cultuadas em altares elevados, elaborados, ricamente ornamentados e por meio de sacrifícios. Não sendo então, de se estranhar que, diante de tamanha capilaridade religiosa, houvesse uma forte pressão cúltrica exercida sobre o povo hebreu e sobre a fé que receberam de seus pais.

Ao que tudo indica, por isso, Javé tenha dado instruções específicas para construção de um altar. Ele conhecia profundamente Seu povo, e sabia que os israelitas em seu âmago, não eram tão diferentes de seus vizinhos, reconhecia a necessidade de adoração inerente a Suas criaturas e como esta perpassa todos os campos de sua vida.

Portanto, fica explícito que Deus é quem deve determinar os meios do homem se aproximar dEle, pois é Santo e incontaminado; ao passo que nós, com nossas “melhores intenções”, poluímos os meios de nos achegarmos a Ele. O objetivo divino era santificar um povo para Si, através do convite aceito por Abraão inicia-se o cuidado de Javé para desenvolver seu protótipo de nação, com identidade, costumes sócio-culturais e religiosos diferenciados das demais nações.

Seu anelo mais sincero era ter uma comunhão íntima com Seu povo, então, estabelece um meio específico de se achegarem a Ele para adorá-lo. Um princípio básico a ser entendido é que o povo deveria ser santo “separado para Deus”, e do mesmo modo também Seu altar que O representava, assim, cria regras para diferenciar os altares utilizados para adoração do Seu nome, diferenciando-os dos altares das nações pagãs vizinhas.

Algo que vale a pena ressaltar, é que no antigo Israel o mundo se polarizava entre “puro” e “impuro”, sendo essa tensão parte cotidiana de suas vidas, assim, tanto a profanação ritual como a moral eram vistas como desacato a vontade revelada de Deus. Logo, poderíamos sintetizar o conceito de profanar como tornar algo impuro ou sem santidade e, isto se aplica não somente ao altar como ao santuário e seus sacerdotes,

pois estes estavam intimamente ligados, conseqüentemente, se quaisquer dos três elementos fossem contaminados todo o conjunto seria profanado.

A lição que podemos extrair por trás de todas estas leis e preceitos era o desejo de Javé em ressaltar a importância de se ter uma vida pura e santa em Sua santa presença, além de demonstrar que uma vida profana prejudica a adoração a Ele e o sistema de valores de uma vida plena em comunidade.

REFERÊNCIAS

CARSON, D. A. et al. eds., **New Bible Commentary**: 21st Century Edition, 4th ed. Leicester, England; Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1994.

COLE, R. Alan. **Êxodo: Introdução e Comentário**. Tradução Carlos Oswaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1980.

COMENTARIO BIBLICO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA: Gênesis a Deuteronômio, v. 1. Tradução de Fernandes Lira et al.; Revisão de Luciana Gruber. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. - (Série Logos)

CHAMPLIN, Russell N. **O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo**: v. 1: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de Teologia: Adventista do Sétimo Dia** / [editor Raoul Dederen ; tradução José Barbosa da Silva]. - Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

DICIONÁRIO HEBRAICO-PORTUGUÊS & ARAMAICO-PORTUGUÊS. 26. ed. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2012.

DICIONÁRIO COLLINS: ESCOLAR PLUS DICTIONARY. Second edition. São Paulo: Cengage Learning Edições LTDA, 2010.

ELLIGER, K; RUDOLPH, W. **Bíblia hebraica Stuttgartensia**. Impresso na gráfica da Bíblia / Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri - SP, 1997.

ELLISEN, Stanley A. **Conheça Melhor o Antigo Testamento**: um guia com esboços e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia. Tradução Emma Anders de Souza Lima - 2. ed. rev. e atual. - São Paulo - Editora Vida, 2007.

ELWELL, Walter A. **Evangelical Commentary on the Bible**. v. 3. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1995.

ELWELL, Walter A. et al. **Baker Encyclopedia of the Bible**. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988.

ELWELL, Walter A. (Ed.). **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**: em 1 volume. Tradução de Gordon Chown. São Paulo - SP: Vida Nova, 2009.

ENNS, P. Exodus, **The NIV Application Commentary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2000.

FITZMYER, Joseph A. et al (Ed.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. Tradução de Celso Eronides Fernandes; Revisão de Júlio Paulo Tavares Zabatiero. São Paulo - SP: Paulus, 2007.

- FRANCISCO, Edson de F. **Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português** – v. 1- Pentateuco. Barueri – SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- GILMER, Thomas L.; JACOBS, Jon; VILELA, Milton. **Concordância bíblica exaustiva**. 3.ed. São Paulo – SP: Hagnos, 2007.
- HAAK, Robert D. “Altar,” In: David Noel Freedman, **The Anchor Yale Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992.
- HANNAH, John D. **“Exodus,” in The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures**, ed. J. F. Walvoord and R. B. Zuck, v. 1. Wheaton, IL: Victor Books, 1985.
- HARRIS, R. Laird et al. **Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo – SP: Vida Nova, 1999.
- HENRY, M. **Matthew Henry’s Commentary on the Whole Bible: Complete and Unabridged in One Volume**. Peabody: Hendrickson, 1994.
- HOLLADAY, William L. **Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento**; tradução Daniel de Oliveira – São Paulo: Vida Nova, 2010.
- JACQ, C. **O Mundo Mágico do Antigo Egito**. tradução Maria D. Alexandre. 2. ed. BCD União de Editoras S.A. Rio de Janeiro, 2001.
- JANZEN, W. **Exodus, Believers Church Bible Commentary**. Waterloo, ON; Scottdale, PA: Herald Press, 2000.
- KIRST, N. et al. **Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português**. 26. ed. São Leopoldo do Sul – RS: Sinodal; Vozes Ltda, 2012.
- LANGE, John P. et al. **A Commentary on the Holy Scriptures: Exodus**, v. 2. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2008.
- MACKINTOSH, C.H. **Série de Notas sobre o Pentateuco: Estudos sobre o Livro de Êxodo**. 2. ed. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2001.
- MATTHEWS, et al. **The IVP Bible Background Commentary: Old Testament**, electronic ed. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000.
- MERRIL, E.H. **Teologia do Antigo testamento**. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.
- MESQUITA, A. N. de. **Estudo no Livro de Êxodo**. 4. ed. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979.
- MYERS, Allen C. **The Eerdmans Bible Dictionary**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987.
- RODRIGUEZ, A.F. **Altars Patriarcales y Sus Usos: Lenguaje y Característica de los Sacrificios**. *Hermenêutica: Revista do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT-IAENE)*, v.12, n.1 (jan/jun 2012) – Cachoeira, 2012, - Semestral.
- SARNA, Nahum M. **Exodus, The JPS Torah Commentary**. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1991.
- SOCIEDADE BIBLICA - BRASIL. **Concordância bíblica**. Brasília – DF: Sociedade Bíblica do Brasil, 1975. vii, 1101.
- STUART, Douglas K. Exodus, v. 2, **The New American Commentary**. Nashville: Broadman

& Holman Publishers, 2006.

TAKLA, P.R. **Desenvolvimento do Esquema Decorativo das Salas do Trono do Período Neo-Assírio (934-609 a.C.):** imagem texto e espaço como veículos da retórica real. Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2008.

VANGEMEREN, Willem A. (Org.); MARRA, Claudio Antonio Batista (Ed.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento.** São Paulo - SP: Cultura Cristã, 2011.

VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2004.